

GENEALOGIA DO SUFIXO –UDO

Alice Pereira SANTOS¹

Resumo: O presente trabalho trata dos significados desempenhados pelo morfema *-udo* ao longo do tempo, buscando descrever sua seqüência cronológica. O *corpus* desta pesquisa é constituído de 254 verbetes, retirados do Dicionário Houaiss, nos quais o segmento *-udo* apresenta função de sufixo. Essas palavras foram parafraseadas, a fim de apontar os valores semânticos assumidos pelo morfema. Deve-se ressaltar que se consideraram os valores descritos pelo dicionário, utilizando as datações nele apresentadas. Em alguns casos utilizaram-se os valores semânticos apontados por Said Ali (*Gramática Histórica da Língua Portuguesa*) ou as paráfrases apresentadas por Rio-Torto (*Morfologia Derivacional*). Após o levantamento semântico, foi possível reunir as palavras em alguns grupos, indicando certa regularidade do sufixo. Dessa forma, o estudo desses significados permitiu determinar a genealogia do sufixo *-udo*, apresentando suas primeiras funções semânticas e transformações pelas quais passou.

Palavras-chave: sufixo, genealogia, estudo diacrônico, valor semântico.

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte das pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Morfologia Histórica do Português (GMHP)², o qual realiza um estudo diacrônico dos sufixos. É importante ressaltar que estudos de derivação sufixal, sob uma ótica diacrônica, em língua portuguesa, são praticamente inexistentes. Portanto, este trabalho mostra-se relevante, ao tentar indicar os significados assumidos pelo morfema *-udo*, acompanhando suas transformações ao longo do tempo.

Para tanto, utilizou-se como *corpus* a base de dados do Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa (Houaiss e Villar, 2001). Desta base forma coletadas 533 palavras que

¹ Aluna de iniciação científica da Universidade de São Paulo.

² Grupo de estudos coordenado pelo professor Dr. Mário E. Viaro e inscrito no diretório de pesquisa do CNPq.

apresentavam a terminação *-udo*. Esses vocábulos foram analisados para se verificar em quais casos o morfema, desempenhava, de fato, a função de sufixo. Desse modo, foram obtidas 254 palavras derivadas.

Para determinar os significados assumidos pelo sufixo *-udo* foram criadas algumas paráfrases, as quais, posteriormente, foram reunidas em grupos. Com auxílio das informações de datação presentes no Dicionário Houaiss, foi proposto um modelo que tenta relacionar os significados desempenhados pelo morfema *-udo* em relação ao tempo.

ORIGEM DO SUFIXO –UDO

No latim, o morfema *-utus* designava o particípio passado dos verbos de segunda conjugação. Portanto, desempenhava papel de flexão verbal. Entretanto, conhecia-se também as formas *nasutus*, *cornutus* (latim clássico) e **barbutus* (latim vulgar), em que *-utus* indicava a idéia de abundância, associando-se a bases nominais.

Poder-se-ia pensar, então, que se tratasse de formas homônimas, já que não se encontram muitas informações sobre a origem do *-udo*, nas gramáticas históricas do português. Muitos estudiosos sequer citam essa filiação ao particípio, apenas o apontam como sufixo formador de adjetivos. Em algumas gramáticas históricas, como de Said Ali (1971) e de J.J. Nunes (1945), ambas as informações estão presentes, mas aparecem em capítulos diferentes e não fazem referência entre si, reforçando a idéia de que não possuem relação alguma.

Mas se se lembrar do fato de que, no latim, assim como no português, os particípios, em geral, também funcionam como adjetivos, não seria difícil estabelecer uma relação entre o *-utus*, formador de particípio, e o *-utus*, formador de adjetivos, ainda que o primeiro seja flexão verbal e o segundo derivação. Assim, os verbos latinos no particípio, também deveriam concordar quanto ao gênero. Pode-se tomar como exemplo o verbo *tenere*, apresentando *tenutus*, *-a*, *-um* como particípio.

No português, pode-se citar abafado, esgotado, acostumado, querido, culpado etc, os quais desempenham tanto a função de particípio quanto a de adjetivo. Desse modo, também admitem as formas femininas (abafada, esgotada, acostumada etc).

A origem participial do *-udo* é comentada por alguns autores como, por exemplo, Joseph Huber (1986), em sua *Gramática do português antigo*; Rio-Torto, em *Morfologia Derivacional* (1998) e em Tekavčić, no terceiro volume de sua *Grammatica storica dell'italiano* (1980).

Rio-Torto (*idem*), ao chamar a atenção sobre os fenômenos de gramaticalização, afirma que tanto *-ad* quanto *-ud*, operadores participiais, foram convertidos em sufixos. Tekavčić (*idem*), ao falar sobre o *-oso* e *-uto*, afirma que o segundo teve origem participial de verbos de terceira classe.

Como se sabe, no português atual, os participípios não são mais formados com o morfema *-udo*, tendo restado apenas algumas palavras que preservam essa formação, isto é, têm como forma-base verbos e conservam algum significado participial:

Teúdo - que se teve ou se tem conservado.

Manteúdo - cujas despesas são pagas por outrem; mantido, sustentado.

Conteúdo - aquilo que ocupa, parcialmente ou totalmente, o espaço em algo.

Perleúdo - que leu muito, que sabe muitas coisas.

Assim, o *-udo* forma, predominantemente, adjetivos. Esses têm como base, principalmente, os substantivos. Por isso, de acordo com a nomenclatura de Rio-Torto (1998), é possível classificá-lo como heterogramatical, já que opera como modificador da classe gramatical da palavra-base. Como nas palavras *boca – bocudo*; *olho – olhudo*; *bico – bicudo* etc. É importante lembrar que, a sintaxe sempre pode alterar a classe morfológica: *O garoto bocudo / O bocudo chegou*.

LEVANTAMENTO DOS VALORES SEMÂNTICOS

Para analisar os valores semânticos assumidos pelo morfema *-udo*, foram feitas algumas paráfrases para verificar as regularidades desses significados. Assim, o vocábulo *bocudo* foi parafraseado como “tem x grande”.

As paráfrases que apresentavam significados similares foram reunidas em grandes grupos:

1. Ação

Neste grupo, constam as categorias semânticas que apontam para algum tipo de ação. O V é ocupado, geralmente pelo verbo *fazer*, ou ainda locuções verbais que dão nuances às ações (*dado a fazer, julga saber fazer*), o que importa, nesse caso, é o valor de ação presente nessas palavras. Como, por exemplo, em *explicudo, raivudo, tropeçudo, façanhudo* etc.

2. Posse

Nesse grupo incluem-se as nuances quanto ao valor positivo, negativo e de intensidade dadas pelo sufixo. Assim, encontram-se nesse grupo as paráfrases: “tem x” (*telhudo, bolhudo, graxudo, fachudo* etc) “tem x grande” (*narigudo, joelhudo, abudo* etc); “tem muito x” ou “em grande quantidade” (*felgudo, barrancudo, ourudo, dinheirudo, cascudo* etc); “tem x ruim” (*quartaludo*); “tem x forte, rijo” (*troncudo, taludo, nervudo* etc); “usa x” (*tamancudo*) e produzido com x (*aramudo*).

A paráfrase “tem x” permite interpretações diferentes nos casos em que o objeto tem determinada utilidade, como por exemplo, nas palavras *tamanco, calça* e *arame*, nas quais o sufixo se une, formando as respectivas paráfrases “aquele que usa x” e “produzido com x”.

3. Semelhança

Incluem-se as paráfrases “possui as características de x” e “lembra a forma de x”, admitindo as nuances avaliativas. Ex.: *Ganchudo, varudo, parrudo* etc.

4. *Nomina Essendi* (“aquele que é x”)

Também admite combinar-se com os termos avaliativos, bom, ruim, muito etc. Pode-se citar: *rombudo, tabacudo, piranhuda* etc.

Deve-se ressaltar que a questão dos avaliativos, principalmente, no caso dos pejorativos, deve ser vista com cuidado, para que não se tome como valor pejorativo do sufixo algo que já está presente na base da palavra, no momento de sua formação. A base do vocábulo pode contaminar o significado do sufixo em determinadas palavras. Como por exemplo, a palavra *macetudo* (algo com defeito), em que sua base *maceta*, já apresenta com significado possível (defeito ósseo). Assim, nesses casos não se pode atribuir o valor negativo ao sufixo, já que esse valor já está presente na base. O mesmo ocorre com a palavra *linguarudo*, pois, já na base – *língua*, tem-se o significado “indivíduo falador”.

Rio-Torto (1998: 101) aponta que a “semântica da base e/ou do afixo” influencia na diversidade semântica das paráfrases de posse, representadas no grupo dois (“tem x”). Portanto, esse grupo será subdividido em três grandes classes, de acordo com a natureza semântica da base. Além disso, essa divisão também será relevante na tentativa de recuperar historicamente a função semântica do sufixo.

GENEALOGIA

A partir do levantamento das paráfrases e das informações de datações presentes no corpus, foi possível propor um modelo para a genealogia do sufixo -udo.

Grupo 1

“Ação de Vx”, em que V pode ser *fazer*, *dado a fazer*, *julga saber* etc. Nele estão reunidas as palavras que apontam para a idéia de ação, teriam surgido a partir dos verbos no particípio, já mencionados, os quais preservam ainda hoje o valor de ação. Assim, tem-se as palavras *farsudo* (“*faz farsas*”), *façanhudo* (*faz façanhas*), *letrudo* (*julga saber muito*).

A Figura 1 apresenta os números de palavras existentes por século das paráfrases incluídas no grupo “ação de X” e os casos de particípio arcaico do -udo. Nota-se que estes significados apresentam-se em momentos diferentes e bem demarcados temporalmente. Os casos de particípio passado se restringem aos séculos XIII e XIV, período em há apenas uma ocorrência da paráfrase “ação de x” (séc XIII). Assim a produtividade dessa paráfrase só ocorre quando os casos de particípios não são muito produtivos (entre os séculos XVII e XIX).

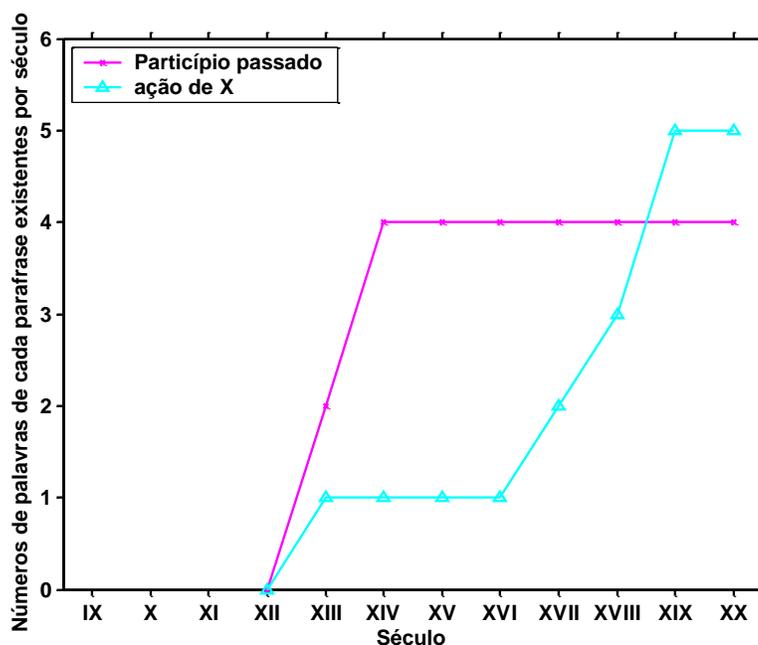


Figura 1 - Número de palavras existentes em cada século do Grupo 1 e de participio.

Grupo 2

As palavras-bases desse grupo foram divididas em:

- I. Partes do corpo humano e animal. (P)
- II. Objetos concretos (O)
- III. Substantivos abstratos (A)

Como no latim, já existiam as formas *nasutus*, *cornutus* e **barbutus*, em que o morfema indica abundância, e podem ser paráfraseados como “tem x grande”, admitindo também, para a última palavra “tem muito x”, pode-se pensar que as paráfrases do grupo dois, são as mais antigas, isto é, seriam a primeira função semântica desse sufixo. Nota-se que nos três casos o sufixo se adicionou a vocábulos associados ao corpo, como nas palavras *bocudo*, *barrigudo*, *buchudo* etc.

Assim, poder-se-ia dizer que, inicialmente, esse sufixo indicaria o significado de posse e, além disso, num primeiro momento, teria se associado às partes do corpo humano ou animal. No caso do vocábulo *chifrudo* (*tem chifres*), o adjetivo foi, primeiramente, atribuído a animais. O significado *cornu* ('*cônjuge enganado*') se deve a derivação de toda a palavra e não do sufixo. Além disso, deve-se considerar que ao lado de *chifrudo* existem as palavras *chifrada* e *chifrado*, sendo que esta última foi datada no século XIX e as outras no século XX.

Posteriormente, a paráfrase também foi usada para bases que não apontavam para as partes do corpo. Passou a associar-se as bases do tipo O, isto é, objetos concretos (*molambudo*, *tacudo*, *patacudo* etc) e A, substantivos abstratos (*posudo*, *sisudo*, *corajudo* etc).

Para analisar as paráfrases deste grupo, foi construído um gráfico, semelhante ao da Figura 1, em que é analisado o número de palavras existentes em cada século em relação ao valor semântico da base (Figura 2). Pode-se dizer que as palavras derivadas, que possuem base com valor semântico de partes do corpo (P), seriam anteriores às de bases A e O.

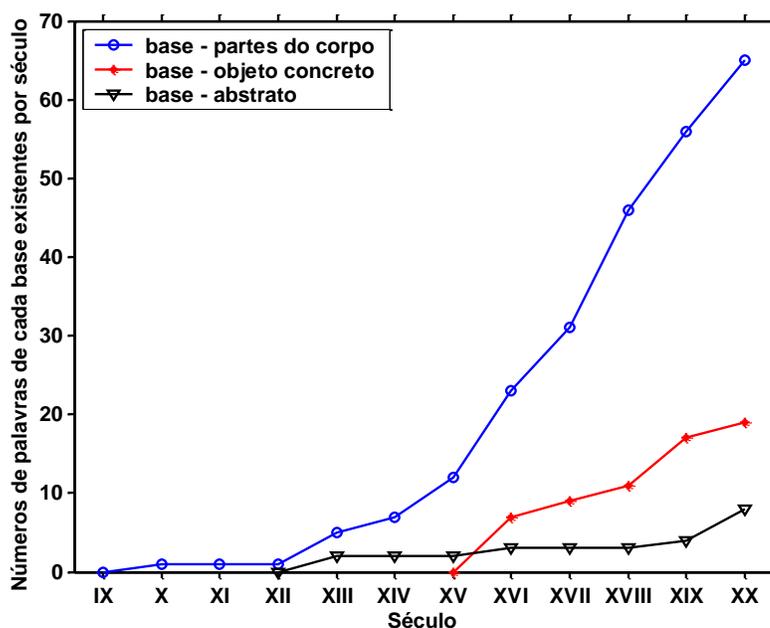


Figura 2 - Número de palavras existentes em cada século do Grupo 2 em relação ao significado da palavra base.

Acompanhado o percurso das paráfrases de base P, vê-se que aparecem já no século X, entretanto, não apresentam produtividade significativa até o século XIII, permanecendo com apenas uma palavra. Há a ocorrência de poucos casos de base A no século XIII até o século XVIII, a partir do século XIX sua produtividade começa a crescer. Desse modo, em relação ao

número de palavras criadas em cada século, a paráfrase “tem x” de base P seria mais antiga que as de base A. Além disso, se se comparar a produtividade de ambas as bases nota-se, claramente, que a primeira é sempre mais produtiva. Já os vocábulos de base O seriam os mais recentes, pois apenas no século XVI mostram-se produtivos.

O fato de as palavras, classificadas como de base abstrata, terem ocorrido antes das de base concreta, pode estar relacionado com o fato de que algumas partes do corpo, além de apresentarem esse significado, podem denotar outro valor semântico, relacionado a idéias abstratas. Como por exemplo, a palavra cabeça, que pode remeter tanto para crânio, apontando a parte corporal, quanto a pensamentos, referindo-se a um conceito abstrato.

A paráfrase “tem x” permite interpretações diferentes nos casos em que o objeto tem determinada utilidade, como por exemplo, nas palavras *tamanco*, *calça* e *arame*, nas quais o sufixo se une, formando as respectivas paráfrases “aquele que usa x” e “produzido com x”.

Grupo 3

A partir da paráfrase “tem x” (e seus avaliativos), unidos às bases O, teriam se formado as paráfrases “semelhante a x”, “possui as características de x”, “lembra a forma de x” (grupo 2), já que nestas paráfrases se vêem a comparação com os objetos (*ganchudo*, *borrachudo*, *parrudo*, *abelhudo*).

Em *ganchudo* a paráfrase pode ser feita diretamente, já que a característica que está sendo comparada é visível, apontando para a forma do objeto. Já em *borrachudo*, a comparação se dá a partir de aspectos implícitos, não-visíveis ou facilmente verificáveis. Contudo, é o vocábulo *abelhudo* que requer um esforço maior para ser explicado, uma vez que a característica selecionada não é apenas não-visual, mas também subjetiva.

No gráfico abaixo foram comparadas as paráfrases “tem x”, de base O, e “semelhante a x”.

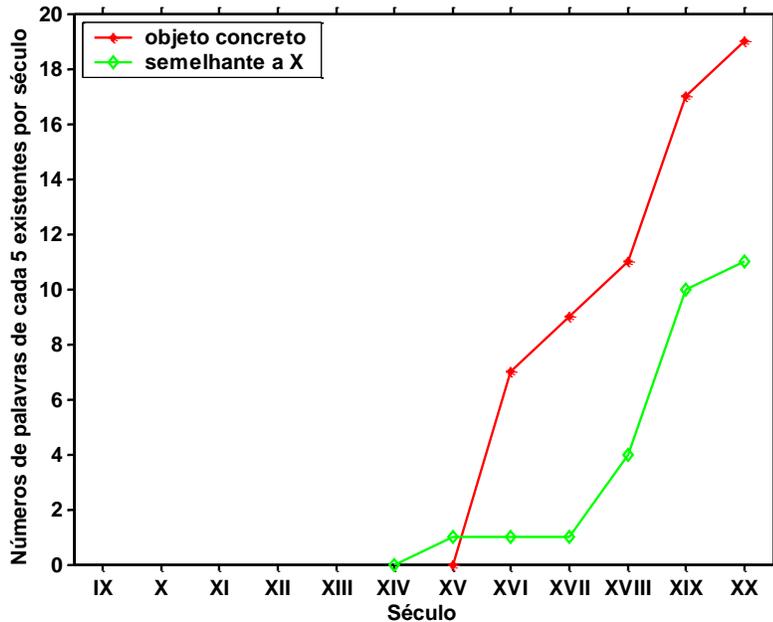


Figura 3 - Número de palavras existentes em cada século das paráfrases "tem x", de base O, e "semelhante a x".

No século XV aparece apenas uma paráfrase do tipo "semelhante a x", mas esta só apresenta produtividade significativa a partir do século XVIII. A paráfrase "tem x", de base O, desde o século XVI apresenta produtividade importante. Desse modo é possível dizer que as paráfrases desse tipo, apesar de terem surgido depois, são muito mais comuns, já no século XVI.

Grupo 4

Já as palavras, classificadas como de base abstrata (*sisudo*), teriam originado os significados presentes no grupo 4 "aquele que é x" (*rombudo*, *tabacudo* etc). A principal diferença entre a formação destas palavras é o fato de, no primeiro caso, o sufixo se unir aos substantivos e no segundo, geralmente, se adjungir aos adjetivos, já que tanto *rombo*, quanto *tabaca* funcionam como adjetivo, não ocorrendo a mudança de categoria gramatical, um dos aspectos que mais caracterizam esse sufixo.

Foram confrontadas as paráfrases "tem x", de base A, com a paráfrase "aquele que é x". Mas, optou-se por não representar esse gráfico, já que não traz dados consistentes. Foram encontrados apenas dois casos datados da paráfrase do grupo 4, ambos do século XIX. Isso pode indicar sua origem tardia em relação à paráfrase "tem x", de base A. Contudo, o pequeno número de palavras datadas não permite afirmar seguramente essa relação. Assim, as pesquisas que estão

sendo desenvolvidas pelo Grupo de Morfologia Histórica do Português poderão contribuir para que seja possível esclarecer esses casos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da confrontação das paráfrases ao longo do tempo, com o auxílio das datas presentes no Dicionário Houaiss, foi proposta uma genealogia do sufixo *-udo*. Em algumas comparações pôde-se encontrar informações que respaldavam o modelo proposto, como nas paráfrases dos grupos 1, 2 e 3. Nesses grupos utilizaram-se os dados de produtividade para apontar quais seriam os casos mais antigos. Já no grupo 4, não foi possível indicar, de modo seguro, a relação entre as paráfrases “tem x”, de base A, e “aquele que é x”, já que há um número reduzido de palavras com data.

Sendo assim, uma pesquisa feita em outros *corpora* será desenvolvida, visto que auxiliará no estudo da genealogia desse sufixo, bem como pode complementar as informações de datações, fornecidas por alguns dicionários. Afora isso, os trabalhos realizados pelo Grupo de Morfologia Histórica do Português também contribuirão para a continuidade da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HOUAISS**, Antonio; **VILLAR**, Mauro. *Dicionário eletrônico da língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- HUBER**, Joseph. *Gramática do Português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- NUNES**, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica*. Lisboa: Clássica, 1945.
- RIO-TORTO**, Graça Maria (org). *Verbos e nomes em Português*. Coimbra: Almedina, 2004.
- RIO-TORTO**, Graça Maria. *Morfologia Derivacional*. Coimbra: Porto Ed., 1998.
- SAID ALI**, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- TEKAVIČIĆ**, Pavão. *Gramática stórica dell' italiano*. Bologna: Il mulino, 1980. 3 vol.